

HORÁCIO CONTRA O EPICURISMO

Maria da Glória Novak
Universidade de São Paulo

RESUMO: *Há séculos, tem-se o hábito de dizer que o poeta Horácio foi epicurista no início de sua vida... e no fim de sua vida... Mas não devemos nos esquecer-nos que as falsas opiniões que todos nós temos do epicurismo nasceram (pelo menos em parte) na poesia de Horácio. Ora, parece-me necessário reler Horácio e examinar bem as idéias que na sua obra têm o ar de serem epicuristas. Ele, ao meu ver, não só foi epicurista como não compreendeu o verdadeiro sentido do pensamento de Epicurismo. Horácio, aliás, é poeta, não filósofo, e sua obra é de um grande poeta, não de um filósofo.*

PALAVRAS-CHAVE: *horácio, poeta, epicurismo, influência lucreciana.*

Quanto mais me entressso pelo epicurismo, tanto mais me aflige ver como o termo **epicurista** assumiu conotações distantes do seu sentido original. Filosofia que tem o prazer como fim último, o epicurismo, na verdade, sugere uma vida de ascetismo. Conquistar o prazer, para Epicurismo, é conquistar ausência de dor e inquietação: quem não sente fome e frio e tem a alma livre de inquietações e medos pode comparar-se aos Deuses. Isso é o prazer do epicurismo.

Ora, costuma-se dizer que o Horácio foi epicurista no início de sua vida. Para prová-lo, invocam-se as obras que seriam as da juventude: os dois livros de sátiras, algo dos epodos, algumas odes. Diz-se que também que mais tarde haveria revivido nele a influência epicurista: que então citam-se algumas epístolas do livro I, a segunda do livro II e, às vezes, a nona ode do livro IV. No restante de sua obra, ter-se-ia mostrado estóico.

Deixo de lado a questão do estoiticismo, ideal que teria aflorado à sua poesia, simultaneamente com um sentimento maior de patriotismo e da necessidade de enaltecer a obra de Augusto, aconselhando aos mais jovens um comportamento condizente com o ideal patriótico.

Desejo ater-me unicamente à afirmação de que o poeta foi epicurista, ou o é em parte de sua obra.

Destacam-se reminiscências lucrecianas, lingüísticas e conceituais, na obra de Horácio. William A. Merrill fez minucioso levantamento desses fatos (Merrill, 1905, p. 111-29). Também registrou comparações com passos de Epicuro. Ora, é evidente que Horácio conhecia muito bem o **De rerum natura**. E naturalmente conhecia também o epicurismo. O mais importante é saber se isso faz dele, em qualquer momento, um epicurista, ou, melhor, se faz de sua poesia, em certos momentos, uma poesia epicurista. Sempre me parece bom destacar autor e obra. Também me parece bom distinguir influência literária de influência filosófica ou, principalmente, de identidade filosófica.

Seguidor de Lucrecio, Horácio não se mostra o mesmo, apesar de todas as semelhanças e reminiscências. Em momento algum de sua obra, vejo-o interessado quer pelo atomismo, quer pela mortalidade da alma, pedras angulares do epicurismo.

Vejamos as reminiscências mais sugestivas.

Na sátira I 1 (**Qui fuit Maecenas**), o Poeta menciona o homem que vive dentro dos limites da natureza, e se considera feliz e, percorrido o tempo da vida, se retira como um coviva satisfeito (49-50.117-9). Lembra Epicuro (KD XV) e Lucrecio (III 938). Mas assinalam os estudiosos que a idéia já se encontra em Bion, o que pode destruir a hipótese de "filiação" a Epicuro e a Lucrecio.

Na sátira I 2 (**Ambubalarum collegia**), a generosidade perniciosa dos amantes e a **Venus Facilis** lembram o quarto livro Lucreciano (respectivamente 1122 e 10071).

Na sátira I 3 (**Omnibus hoc ultium**), o poeta resume em quinze versos (98-112) os primeiros tempos da vida humana, do momento em que os homens se arrastaram para fora da terra até o estabelecimento das leis (cf. Lucr. V passim) introduzindo o passo após dizer que a utilidade é como que a mãe da justiça, idéia que se encontra mais ou menos tal qual em Epicuro (cf. KD XXXVII). Entretanto a idéia da evolução do homem, da barbárie até o surgimento das leis, é lugar comum na antiguidade.

Na sátira I 5 (**Egressum magna me accepit**), os versos 101-3, que reproduzem palavras de Lucrecio (II 646) a respeito do afastamento, da tranquilidade e da indiferença dos Deuses, são absolutamente contrários ao espírito lucreciano, pois mesclam à idéia o ridículo.

E na sátira III 3 (**Si raro scribes**), a crítica à riqueza (95) poderia ser uma reminiscência de Lucrecio (v 1113). Mas a invectiva a Agamenão (199-201) em face do sacrifício de Ifigênia não me parece que o seja: Horácio duvida da sanidade mental do chefe grego, ao passo que Lucrecio focaliza a religião como geradora de crimes (I 101). Poderia lembrar outras reminiscências lucrecianas nas sátiras, mas esses ecos não são suficientes para identificar o pensamento dos poetas, e insisto em que as sátiras, pelo seu teor superficial, não são epicuristas.

Nos epodos, encontram-se também expressões coincidentes e outras que serão mais do que isso como, por exemplo, o uso de **mannus** (4, 14), termo não encontrado antes de Lucrecio (III 1063), o que nada significa, porém, com relação à filosofia.

Há estudiosos que consideram o epodo 16 (**Altera iam teritur**) apresenta nítida influência de Lucrecio. Focaliza os horrores da guerra civil e pelo menos três versos (31.48.54) são ressonâncias lucrecianas, a lembrar respectivamente IV 1198, V 272 e V 256. No verso 31, por exemplo, o emprego de **subsidere** no mesmo sentido em que o emprega, Lucrecio chama a atenção porque esse sentido de **subsidere** é raro; nos outros dois versos, 48 e 54, não só a idéia como a proximidade em que se encontram lembram o **De rerum natura**. O que é inegável. Mas é só. O epodo invoca o favor dos auspícios, a autoridade dos áugures, o interesse de Júpiter. Nada de menos epicurista.

No primeiro livro das odes, a famosa 11ª (**Tu ne quaesieris**) merece cuidadoso exame. Há três heresias, do ponto de vista do epicurismo, só nos três primeiros versos. 1ª) Não é proibido saber: quem proibiria? – Apenas não se sabe. 2ª) Os Deuses não nos reservam qualquer fim nem, como adiante se lê, Júpiter nos

atribui o invernos. Os Deuses apenas nos ignoram. A terceira está nos números babilônios. A menção a esses números, que alguns aproximam de Lucrecio (V 724), opõe-se a este. Lucrecio menciona a doutrina babilônica dos caudeus no estudo dos fenômenos celestes, mais precisamente do movimento da lua, portanto a astronomia, e Horácio menciona a astrologia. Como não bastassem esses dados "herético", está envolvido por uma aura de mito, **Invida aetas**, e sobretudo de prazer natural mas não necessário: **sapias, uina liques**: essa idéia de requite permaneceu através dos séculos ligada erradamente ao epicurismo. Lê-se, porém, no terceiro livro do **De rerum natura** (912-5) uma crítica feroz aos homens, **homullis**, diz o poeta, que "reclinados à mesa e segurando os copos dizem que este gozo é breve, que logo terá passado e depois não se poderá nunca chamá-lo de volta": aí está que o próprio Lucrecio, que teria morrido ao completar Horácio dez anos, nega o **carpe diem** horaciano, que se pretende epicurista. A ode é obra de um mestre: poeta sem nenhum compromisso, porém, com qualquer filosofia.

Na 26ª (**Musis amicus**), a expressão **fortibus integris** (6) seria uma reminiscência dos **integros fontes** (I 927), expressão não encontrada antes de Lucrecio e assaz repetida mais tarde.

Na 28ª (**Te maris et terrae**), há mais reminiscências desse gênero. Considera-se esta ode como uma das primeiras, e essas reminiscências sugerem influência de poeta para poeta. E é só isso.

Muito importante, porém, é lembrar a 34ª (**Parcus Deorum cultor**), que se costuma considerar como de "conversão" do poeta. Ora, repito, um poeta é um poeta: e pergunto por que diríamos que a **insaniens sapientia** do segundo verso haveria de ser o epicurismo. E pergunto, ainda, porque o poema tem de ser uma confissão, uma contrição, uma penitência. Não pode ser apenas uma peça de arte? Nunca será demais repetir: Horácio não é um filósofo, é um poeta.

No segundo livro, a 3ª ode (**Aequam memento**) é considerada epicurista. E contém duas expressões próximas de Lucrecio. Mas e os vinhos? E os perfumes? Diz Horácio: **Uina et unguenta iube** ... Epicurismo? Se para Epicuro um simples queijo era uma riqueza enorme e inesperada!

A 16ª (**Otium Diuos rogat**), provavelmente uma das primeiras, apresentaria fortes reminiscências epicúrias: a idéia de que as riquezas não são úteis nem ao corpo, nem ao espírito (9-11: **Lucr. II. 37-9**); a de que se vive bem com pouco (13: **Lucr. V 1118**); a de que se vive bem quando o medo e a ambição não tiram o sono (15-6) e a imagem do insatisfeito, que porém não consegue fugir de si próprio (17-20: **Lucr. III 1068**). Mais que reminiscências, vejo influência de Lucrecio nesta ode, que assinala a incoerência humana.

No terceiro livro de odes, quase nada se encontra além da expressão **munitae sapientiae** (28, 4), que lembra "as altas regiões serenas, bem protegidas pelas doutrinas dos sábios" (II 7-8).

Do quarto livro de odes, executando-se algumas lembranças de expressão e até de pensamento da nona ode, Lucrecio e o epicurismo estão ausentes, como ausentes estão do **Carmen saeculare**. A nona ode (**Ne forte credas interitura**) seria lucreciana? De fato, lembram o **De rerum natura**: Homero, o **primus inter pares** (5-6: **Lucr. III 1037**); o estarem bem mortos os valentes, esquecidos na sua longa noite (25 et seqs: **Lucr. III 1025 et seqs**) o não ser suficiente ser rico para ser chamado feliz (45-6); a lembrança de que é feliz o que vive com sabedoria (**KD V**), como também o que suporta a vida e a pobreza, e o que

teme a vergonha mais do que a morte (47 et seqs; cf. Lucr. III 48 et seqs). Mas e os dons dos Deuses, que o poeta invoca, ao dizer que merecem o nome de **felizes** os que fruem sabiamente esses dons?

— Acaba-se o epicurismo.

No livro I de epístolas, que seria o reencontro de Horácio com o epicurismo, encontram-se, de fato, **n** coincidências e reminiscências.

Na 6ª epístola (**Nil admirari**), a mais sugestiva, lê-se: "Culpado é o espírito, ele não pode jamais fugir de si mesmo... Com tácita prece querias o campo: agora desejas a cidade"; e também "uma ceia leve é o que agrada, e na relva um sono, junto a um riacho" (13-4, 35, a lembrar respectivamente, Lucr. III 1067-9; II 30-3).

No livro II da 2ª epístola (**Flore, bono claroque**) a partir do verso 141, o poeta se preocupa, diz, em aprender o ritmo e a medida da vida verdadeira. Essa epístola se tem considerado epicurista: critica a riqueza, a avareza e a prodigalidade (194-8) (mas teme a pobreza, 199); critica a ambição, o medo a morte e a ira (207), os sonhos, os terrores da magia, os prodígios, as feiticeiras, as almas do outro mundo e os presságios (208-9). E termina por uma invectiva o que não se sabe certo: que deixe lugar aos que sabem, a lembrar o **De rerum natura** (III 961): **iam aliis concede: necessest**.

Assim, é bem verdade que não se pode negar a lembrança de idéias do epicurismo nestas epístolas plenas de bom-senso e ironia, idéia que, porém, 1) não são apenas do epicurismo, são do senso-comum, e 2) ou ficam na superficialidade ou se mesclam a outras, absolutamente opostas, às vezes à filosofia do Jardim.

Finalmente, na **Arte poética**, o que há são ou coincidências ou lugares-comuns sem importância.

Pois bem.

Para terminar, vejamos o que diz de si mesmo o próprio Horácio na epístola I 1 (**Prima dicte mihi**) nos versos 11 a 15:

O que é a verdade, o que é o decente, com isso me preocupo, isso procuro... Nas não me perguntes com qual guia, com que Lar me protejo: não sendo obrigado a prestar juramento a nenhum mestre, onde quer que me arraste o momento sou levado como um hóspede. Ora me torno ágil e mergulho nas ondas políticas, sentinela e rígido satélite da virtude verdadeira, ora recaio furtivamente nos preceitos de Aristipo.

Também convém destacar a sua atitude em face dos epicuristas. É taxativo na epístola 4 (**Albi, nostrorum sermonum**) desse mesmo livro, nos versos 12 a 16:

Entre a esperança e a inquietação, entre os temores e as iras, pensa que cada dia brilhou para ti como último; sobreviverá agradável, a hora em que não for esperada.

Agora:

*Contemprar-me-ás gordo e luzidio de pele cuidada, quando quiseres
rir: um pouco do rebanho de Epicuro.*

Primeiro, três versos de bom-senso universal, que lembram o epicurismo. A seguir, a sua verdadeira opinião sobre o epicuristas, e o desrespeito: idéia de entrega ao prazer sem limite, atribuída ao epicurismo e ridicularizada.

Em suma, as ressonâncias lucrecianas e epicúreas na obra de Horácio não passam de ressonâncias de um pensamento – aqui e ali, influência de poeta a poeta. Epicurista, executando-se, talvez, a 16ª ode do livro II e a 14ª epístola do livro I, a obra horaciana não é. Ao meu ver, presta, ao contrário, um desserviço à filosofia do Jardim.

Além de que a sua noção de prazer está mais próxima da noção de Aristipo de Cirene, que ele mesmo invoca, Horácio não é epicurista: ao meu ver, não passou nem perto de entender o **verdadeiro** sentido do epicurismo.

RÉSUMÉ: Depuis des siècles, on a pris l'habitude de dire que le poète Horace a été épicurien au début de sua vie... et à la fin de sa vie... Mais il ne faut pas oublier que les opinions érronées que nous tous nous avons de l'épicurisme ont pris naissance (au moins en partie) dans la poésie horatienne. Or, il me semble très nécessaire de relire Horace et de bien examiner les idées que ont l'air d'être épicuriennes dans son oeuvre. À mon avis, loin d'être épicurien, Horace n'a pas compirs le véritable sens de la pensée d'Épicure. D'ailleurs, il n'est pas un philosophe, il est un poète, et osn oeuvre est celle d'un grand poète, non pas celle d'un philosophe.

Mots-Clés: HORACE, POÉSIE, ÉPICURISME, INFLUENCE LUCRÉTIENNE.

BIBLIOGRAFIA

GRIMAL. P. *Horace*. Bourges: Du Seuil, 1965.

HADZSITS, G. D. *Lucretius and his Influence*. New York: Cooper, 1963.

HORACE. *Epîtres*. Texte et. & trad. para F. Villeneuve. Paris: "Les Belles Lettres", 1964.

_____. *Odes et épodes*. Texte et. & trad. para F. Villeneuve. Paris: "Les Belles Lettres", 1967.

_____. *Satires*. Texte et. & trad. para F. Villeneuve. Paris: "Les Belles Lettres", 1969.

LUCRÉCE. *De la nature*. Texte et. & trad. para A. Ernout. Paris: "Les Belles Lettres", 1975.

MERRILL, W. A. On the Influence of Lucretius on Horace. *Classical Philology*. California, v. 1, n.3, p. 111-129, October, 1905.